

O GRAU E A VELOCIDADE DE INTERNACIONALIZAÇÃO DE EMPRESAS: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Luiza Godoi Dalmollin¹

Beatrice Maria Zanellato Fonseca Mayer²

Gabrielle Rossato³

Juliana Silveira e Silva⁴

Rejane Roecker⁵

<http://dx.doi.org/10.19177/978-65-88775-08-0.143-163>

1 INTRODUÇÃO

A complexidade do mercado estrangeiro traz desafios às empresas que procuram ampliar sua participação internacional, pois apresenta variáveis importantes que podem ditar se uma empresa será bem-sucedida em seus esforços para a internacionalização. Além disso, por se tratar de ambientes internacionais diferentes, a falta de conhecimento por parte das empresas implica um aumento da percepção de complexidade do mercado estrangeiro.

Mesmo assim, o fenômeno da globalização faz com que empresas busquem se internacionalizar⁶, pois esse processo permite o descobrimento de novas tecnologias, de recursos mais acessíveis e de um aumento na qualidade do produto, e assim, de sua competitividade e rentabilidade.

Partindo disso, podem-se caracterizar dois aspectos de análise importantes no processo de internacionalização de empresas. O primeiro deles seria o grau de internacionalização, que corresponde ao grau de participação internacional

1 Graduada em Relações Internacionais. UNISUL. E-mail: luizadalmollin@gmail.com.

2 Mestre em Administração. UNISUL. E-mail: beatrice2104@hotmail.com.

3 Mestre em Administração. UNIVALI. E-mail: gabriellerossato@gmail.com.

4 Mestranda em Administração. Universidade do Minho, Portugal. E-mail: silva.juliana1808@gmail.com.

5 Doutoranda em Administração - UNIVALI. Professora Titular na Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL. E-mail: rej.adm@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1519-5213>

6 PENG, M. W.; SHIN, H. How do future business leaders view globalization? **Thunderbird International Business Review**, v. 50, n. 3, p. 175-182, 2008.

de uma empresa⁷, e que muitas vezes é aumentado de forma gradual, como sugerido pelas teorias clássicas de internacionalização⁸.

O segundo seria a velocidade de internacionalização, que se refere ao tempo que a empresa leva para iniciar suas atividades internacionais, desde a sua fundação⁹. Esse aspecto é mais abordado nas teorias e análises mais recentes, que tratam de um processo de internacionalização acelerada.

Diante disso, apresenta-se a seguinte pergunta de pesquisa: **Como os estudos presentes nas publicações científicas internacionais de alto impacto no período de 2004 a 2017 vêm analisando a relação entre o grau e a velocidade de internacionalização?** A proposta deste artigo figura uma revisão integrativa da literatura, que possibilitou compreender as linhas de pesquisa e os tipos de estudos que vêm sendo desenvolvidos sob o tema de velocidade de internacionalização e sua relação com o grau de internacionalização. A pesquisa buscou contribuir com a literatura na identificação dos avanços de pesquisas no que tange à velocidade de internacionalização e sua relação com o grau de internacionalização. A revisão da literatura promove a discussão da internacionalização de empresas, contemplando as teorias de internacionalização. A seção subsequente expõe a metodologia que possibilitou a pesquisa. Finalmente apresentam-se os dados e a análise realizada, concluindo com as considerações finais, limitações e futuras pesquisas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 INTERNACIONALIZAÇÃO DE EMPRESAS

Definida de forma geral como o crescente processo de envolvimento de uma empresa em operações internacionais¹⁰, a internacionalização é abordada por diferentes perspectivas teóricas. Dessa forma, os estudos sobre a internacionalização podem ser divididos em duas grandes correntes teóricas: abordagens de

7 SULLIVAN, D. Measuring the degree of internationalization of a firm. *Journal of international business studies*, v. 25, n. 2, p. 325-342, 1994.

8 JOHANSON, J.; VAHLNE, J. The internationalization process of the firm: a model of knowledge development and increasing foreign market commitments. *Journal of international business studies*, v. 8, n. 1, p. 23-32, 1977.

9 OVIATT, B. M.; MCDUGALL, P. P. Defining International Entrepreneurship and Modeling the Speed of Internationalization. *Entrepreneurship: theory & practice*, v. 29, n. 5, p. 537-553, set. 2005.

10 MARIOTTO, F. L. *Estratégia internacional da empresa*. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

internacionalização com base em decisões econômicas e internacionalização como evolução comportamental.

De uma perspectiva econômica, a **Teoria de Poder de Mercado** de Hymer (1976) afirma que, em vista de lucros internos e da falta de oportunidades no mercado doméstico, a internacionalização torna-se uma opção para a empresa. A **Teoria do Ciclo de Vida do Produto**, criada por Vernon (1966), busca explicar como o ciclo de vida do produto influencia em sua venda, compra e produção internacional.

Já a **Teoria da Internalização**, de Buckley e Casson (1976), se refere ao interesse da empresa em manter suas atividades por sua hierarquia, em vez de contratar no mercado¹¹.

Por fim, o **Paradigma Eclético de Dunning**, criado em meados da década de 1970, explica que, ao tomar a decisão para a internacionalização, a empresa deve possuir alguma vantagem competitiva em relação aos seus competidores. Essa vantagem existe com base em três aspectos, chamados de OLI: vantagem específica da propriedade (*ownership advantage*), variáveis específicas de localização (*location advantage*) e internalização (*internalization advantage*)¹².

Já pela perspectiva comportamental, o **Modelo de Uppsala** defende que o desenvolvimento da empresa em âmbito internacional se dá através de um processo gradual. Dessa forma, as empresas se expandem para o exterior de forma gradativa, buscando países com menor distância psíquica¹³.

Seguindo uma linha diferente de Uppsala, tem-se o modelo de internacionalização de **Network**, ou Redes de Relacionamento. Nesse sentido, Mariotto¹⁴ defende que algumas empresas têm nas alianças estratégicas a principal forma de expansão internacional. O autor explica que fornecedores, consultores ou mesmo clientes que atuam de forma internacional acabam servindo como ponte para a internacionalização.

11 HEMAIS, C. A.; HILAL, A. Teorias, paradigma e tendências em negócios internacionais: de Hymer ao empreendedorismo. In: **O DESAFIO dos mercados externos**: teoria e prática na internacionalização da firma. Rio de Janeiro: MAUAD, 2004. p. 17-39.

12 DUNNING, J. H. The eclectic paradigm of international production: a restatement and some possible extensions. In: **THE ECLECTIC Paradigm**. London: Palgrave Macmillan, 2015. p. 50-84.

13 JOHANSON; VAHLNE, op. cit.

14 MARIOTTO, op. cit.

Dando continuidade às teorias de internacionalização comportamental, a **Teoria de Empreendedorismo** defende que o empreendedor é o fator mais importante na escolha de modos de entrada, e isto influi em que empresas similares, que atuem no mesmo ambiente, tenham processos diferentes em razão do seu empreendedorismo individual¹⁵.

Enfim, de encontro com as teorias apresentadas, Knight e Cavusgil¹⁶ e Prashantham e Young¹⁷ defendem que existem empresas, principalmente de base tecnológica, que iniciam suas atividades internacionais logo após o seu surgimento, simultaneamente às atividades em âmbito nacional. Definidas como *born globals*, essas empresas apresentam um processo de **internacionalização acelerada**.

O aumento da intensidade da concorrência internacional e das tecnologias de comunicação e transporte facilita o processo de internacionalização. Isso faz com que as empresas antecipem o processo e comecem a se internacionalizar já desde o seu surgimento, ou seja, as empresas já não dependem do seu porte ou tempo de existência para iniciar o seu processo de expansão internacional¹⁸. Dessa forma, o ponto central deste artigo é analisar a evolução dos estudos científicos, relacionando grau e velocidade de internacionalização.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa compreendeu um estudo qualitativo uma vez que se tratou de uma revisão integrativa que teve como objetivo interpretar os estudos recentes, acerca da relação entre grau e velocidade de internacionalização. Teve como base trabalhos publicados em periódicos internacionais de alto impacto. A pesquisa seguiu uma análise descritiva, de forma a reconhecer, descrever e relacionar as características dos fenômenos de grau e velocidade de internacionalização, e explorar os fatores inerentes ao tema^{19,20}.

15 HEMAIS; HILAL, op. cit.

16 KNIGHT, G.; CAVUSGIL, S. T. Innovation, organizational capabilities, and the born-global firm. **Journal of International Business Studies**, v. 35, n. 2, p. 124-141, 2004.

17 PRASHANTHAM, S.; YOUNG, S. Post-entry speed of international new ventures. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 35, n. 2, p. 275-292, 2011.

18 CAVUSGIL, S. T.; KNIGHT, G.; RIESENBERGER, J. R. **Negócios internacionais: estratégia, gestão e novas realidades**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

19 VERGARA, Sylvia Constant; PECCI, Alketa. Escolhas metodológicas em estudos organizacionais. **Organizações & Sociedade**, v. 10, n. 27, p. 13-26, 2003.

20 MEZZAROBA, O.; MONTEIRO, C. S. **Manual de metodologia da pesquisa no direito**. São Paulo: Saraiva, 2008.

O desenvolvimento desta pesquisa contemplou o método de pesquisa bibliográfica que, segundo Marconi e Lakatos²¹, é baseada em trabalhos em geral, que forneçam dados atuais sobre os assuntos tratados. Para o levantamento das bibliografias estudadas foi utilizado o método de coleta de dados por bibliométrica. Posteriormente, para o procedimento de análise dos dados, foi realizada uma revisão integrativa seguida de uma análise de conteúdo por categorização.

Para o levantamento dos artigos foi realizada como primeira etapa a coleta de dados bibliométrico, pelos termos: *internationalization*, *speed* e *degree*. No primeiro procedimento foram realizadas oito pesquisas na base de dados da EBSCO, entre os dias 17 de abril e 5 de maio de 2017, considerando publicações em revistas acadêmicas internacionais no período entre 2004 e 2017, resultando em um banco de 396 artigos a serem filtrados. Após a filtragem de artigos duplicados e por alinhamento de título e resumo, totalizaram 161 artigos.

Posteriormente, foram levantados os dados quanto ao reconhecimento científico de cada artigo, medido através do número de citações de cada artigo no *Google Scholar* e quanto ao Fator de Impacto do periódico em que o artigo foi publicado. Com a análise, foi decidido adotar uma linha de corte temporal que abrangia apenas artigos publicados entre os anos de 2004 e 2017.

A primeira linha de corte adotada foi a de fator de impacto, considerando apenas os artigos de fator entre A1 e B2 e com mais de 70 citações, resultando em 12 artigos. Em seguida, foi observado que artigos com alto reconhecimento científico não estavam inclusos no grupo de artigos selecionados, por não terem classificação de fator de impacto. Por esse motivo, a segunda linha de corte adotada foi a relevância científica, em que foram considerados os artigos com mais de 70 citações que pertenciam ao grupo "Grau não identificado" na análise de fator de impacto, resultando em 13 artigos. Depois desse agrupamento, consideraram-se artigos com reconhecimento científico, A1, A2 e B1, e acima de 49 citações. Com os três grupos de corte adotados, resultou-se em 30 artigos. Porém, na etapa de busca pelos artigos integrais, dois artigos não foram encontrados. Totalizou-se ao final em 28 artigos inerentes ao tema.

21 MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.



Para a análise de dados, foi utilizado o procedimento de revisão integrativa, no qual foi feita a distinção entre artigos classificados como ensaios teóricos, e aqueles classificados como estudos empíricos.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 GRAU DE INTERNACIONALIZAÇÃO

Depois da seleção de 28 artigos foram identificados nove estudos empíricos que tratam prioritariamente do grau de internacionalização de empresas. Desses, seis artigos apresentaram hipóteses sobre possíveis variáveis que influenciam o grau de internacionalização de uma firma.

Entre esses, Cerrato e Piva²² realizaram um estudo acerca da influência das características familiares sobre a internacionalização de pequenas e médias empresas da Itália. Um estudo também envolvendo empresas familiares e não familiares foi desenvolvido por Graves e Thomas²³, em que na comparação identificaram que há diferenças na capacidade de gestão das duas categorias de empresas, de acordo com o seu grau de internacionalização.

Já se tratando de recursos e capacidades, Kuivalainen et al.²⁴ apresentaram uma análise do efeito das capacidades organizacionais na internacionalização de empresas finlandesas, definindo dois tipos de conhecimento organizacional: a informação, considerada facilmente transferível; e o “*know-how*”, de mais difícil transferência, porém de mais fácil proteção. O desempenho internacional e o grau de internacionalização foram os indicadores. Já o artigo de Lin, Cheng e Liu²⁵ introduziu o conceito de folga organizacional (*organizational slack*), que representa os recursos das empresas considerados garantias e “amortecedores” (*cushion*) em casos de pressões externas, mas que permitem o início de mudanças estratégicas.

22 CERRATO, D.; PIVA, M. The internationalization of small and medium-sized enterprises: the effect of family management, human capital and foreign ownership. **Journal of management and governance**, v. 16, n. 4, p. 617-644, nov. 2012.

23 GRAVES, C.; THOMAS, J. Internationalization of Australian Family Businesses: a managerial capabilities perspective. **Family business review**, v. 19, n. 3, p. 207-224, set. 2006.

24 KUIVALAINEN, O. et al. Organisational capabilities and internationalisation of the small and medium-sized information and communications technology firms. **Journal of international entrepreneurship**, v. 8, n. 2, p. 135-155, jun. 2010.

25 LIN, W. T.; CHENG, K. Y.; LIU, Y. Organizational slack and firm's internationalization: A longitudinal study of high-technology firms. **Journal of world business**, v. 44, n. 4, out. 2009.

Por outro lado, o estudo empírico de Carpenter e Sanders²⁶ investigou dados de 224 empresas multinacionais dos Estados Unidos, em que foi considerado o desempenho da firma, o nível de pagamento dos times gerenciais ótimos e a diferença entre o pagamento entre eles e o diretor da empresa, e incentivos em longo prazo. Por fim, o estudo apresentado por Manolova, Manev e Gyoshev²⁷ teve como objetivo entender o papel das redes de relacionamento entre firmas na internacionalização. O Quadro 1 expõe cada um dos artigos.

Quadro 1 – Artigos que apresentaram o estudo de variáveis do Grau de Internacionalização

Autores	Temáticas abordadas	Termos utilizados	Definições	Resultados
Cerrato; Piva (2012)	O efeito da característica de empresa familiar na internacionalização da firma.	Degree of internationalization e level of internationalization foram utilizados como sinônimos.	Foram adotadas três unidades de medida para o grau de internacionalização das empresas familiares exportadoras: intensidade de exportação (vendas de exportação sobre vendas totais); escopo geográfico (número de regiões para as quais a empresa exporta) e medida da diversificação da internacionalização (regiões para as quais a firma exporta, determinadas pela sua importância).	Foram estudadas 1.324 firmas italianas. Foi identificado que o gerenciamento familiar influencia na decisão à internacionalização, mas não no grau. Além disso, o tempo de funcionamento da firma estava positivamente ligado à sua expansão geográfica, o que sugere um processo de internacionalização mais gradual, que evolui com base no conhecimento de mercado.
Graves; Thomas (2006)	A habilidade de uma firma em expandir internacionalmente é dependente de esta possuir as capacidades de gerenciamento necessárias para competir em um ambiente internacional.	Os termos Degree of internationalization, international expansion e export intensity são utilizados para tratar do grau de internacionalização.	O grau de internacionalização foi medido pela proporção entre as vendas de exportação e as vendas totais. Depois disso, as empresas foram divididas em três grupos: domésticas, de internacionalização moderada (exportações abaixo da média geral), e altamente internacionalizadas (com intensidade de exportação acima da média geral).	Foram analisados dados de empresas australianas em três anos. Para firmas consideradas não familiares, foi reconhecida uma relação positiva entre a capacidade de gerenciamento e o grau de internacionalização. Porém, essa relação não foi identificada em empresas familiares. Mesmo assim, estas últimas conseguem alcançar um alto grau de internacionalização.

Continua na página seguinte

26 CARPENTER, M. A.; SANDERS, W. G. The effects of top management team pay and firm internationalization on mnc performance. *Journal of management*, v. 30, n. 4, p. 509-528, 2004.

27 MANOLOVA, T. S.; MANEV, I. M.; GYOSHEV, B. S. In good company: the role of personal and inter-firm networks for new-venture internationalization in a transition economy. *Journal of world business*, v. 45, p. 257-265, 2010.

Autores	Temáticas abordadas	Termos utilizados	Definições	Resultados
Kuivalainen et al. (2010)	O efeito das capacidades organizacionais na internacionalização.	Degree of internationalization foi utilizado em sua abreviatura DOI. Grau de internacionalização e performance foram apresentados como variáveis diferentes.	O grau de internacionalização foi medido através das seguintes variáveis: taxa estimada de retorno dos mercados internacionais em 2002, taxa estimada de retorno dos mercados internacionais em 2003, porcentagem de clientes internacionais, porcentagem do faturamento advinda de mercados estrangeiros, quantidades de países em que a firma opera (excluindo o país de origem) e quota de parceiros internacionais.	Foram estudadas 124 pequenas e médias empresas da Finlândia. Os resultados mostraram que o aprendizado experimental relacionado às operações internacionais é um determinante tanto do grau quanto da performance internacionais.
Lin; Cheng; Liu (2009)	A influência da folga organizacional (organizational slack) na internacionalização.	Degree of firm's internationalization, degree of internationalization. Em alguns momentos, o termo internationalization foi utilizado para descrever o grau de internacionalização.	A internacionalização da empresa foi medida através de: vendas estrangeiras (vendas ao exterior sobre vendas totais), ativos estrangeiros (ativos estrangeiros sobre ativos totais) e dispersão geográfica (número de países em que a empresa possui subsidiárias).	Foram estudadas 179 firmas taiwanesas de alta tecnologia. A folga organizacional foi tida como indicador que influencia as decisões estratégicas internacionais. Foi constatado que folgas de alta discrição levam os gestores às decisões que diminuem a sua internacionalização.
Car-penter; Sanders (2004)	O efeito do pagamento de top management teams na performance da empresa.	Degree of internationalization foi utilizado em sua abreviatura DOI.	O grau foi medido em três dimensões: porcentagem de vendas estrangeiras, porcentagem de produção estrangeira e dispersão geográfica de vendas.	Foram estudadas 224 multinacionais americanas. Ao final do estudo, foi identificado que baixas diferenças de pagamento de top management teams beneficia a performance sobretudo em firmas que apresentam alto grau de internacionalização.
Manolova, Manev e Gyoshev (2010)	O papel das redes de relacionamento no processo de internacionalização da firma.	O termo internationalization foi utilizado para se referir ao grau de internacionalização.	O grau de internacionalização foi medido através da proporção entre as vendas de exportação e as vendas totais.	Foram estudadas 623 firmas da Bulgária. Foi constatado que é importante que as firmas tenham uma boa transição entre uma rede e a outra, para garantir o seu sucesso internacional.

Fonte: Elaboração dos autores, 2017.

Dando continuidade, os últimos três artigos estudados sobre o grau de internacionalização trataram o grau como uma das variáveis de desempenho da empresa. O artigo de Pangarkar²⁸ teve como objetivo relacionar a influência do grau de internacionalização na performance da firma. Já Ruigrok, Amann e Wagner²⁹ buscaram investigar a relação entre a internacionalização e a performance da firma, enquanto Kafouros et al.³⁰ abordaram o grau de internacionalização como moderador da relação entre performance e inovação da firma. O Quadro 2 esquematiza de forma sintetizada como o grau de internacionalização é apresentado em cada um desses artigos.

Quadro 2 – Estudos do Grau de Internacionalização como variável de desempenho.

Autores	Temáticas abordadas no Estudo	Termos utilizados	Definições	Resultados
Pangarkar (2008)	A alto grau de internacionalização como influenciador da performance da firma.	<i>Degree of internationalization, DOI.</i>	O grau de internacionalização foi medido através da dispersão de vendas internacionais nas regiões internacionais abordadas pela firma.	Foram estudadas 94 empresas de Singapura. Foi constatado que um maior DOI leva a uma melhor performance.
Ruigrok, Amann e Wagner (2007)	A relação entre a internacionalização sobre a performance da firma.	<i>Degree of internationalization, DOI. Definiram o extreme degree of internationalization.</i>	O grau de internacionalização foi medido através da proporção entre as vendas de exportação e as vendas totais.	Foram estudadas 87 firmas suíças. Foi constatado que a relação entre o grau de internacionalização e a performance se dá através de uma curva em forma de S.
Kafouros et al. (2008)	O grau de internacionalização como moderador da relação entre performance e inovação da firma.	<i>Degree of internationalization (DOI)</i>	O grau de internacionalização mediu a relação entre a inovação e a performance, e foi considerado como a proporção de vendas internacionais sobre vendas totais.	Foram estudadas 84 firmas do Reino Unido. Foi constatado que

Fonte: Elaboração dos autores, 2017.

28 PANGARKAR, N. Internationalization and performance of small- and medium-sized enterprises. *Journal of world business*, v. 43, n. 4, p. 475-485, 2008.

29 RUIGROK, W.; AMANN, W.; WAGNER, H. The Internationalization-Performance Relationship at Swiss Firms: a test of the s-shape and extreme degrees of internationalization. *Management international review*, v. 47, n. 3, p. 349-368, 2007.

30 KAFOUROS, M. I. et al. The role of internationalization in explaining innovation performance. *Technovation*, v. 28, p. 63-74, 2008.

Em face da apresentação dos artigos que tratam sobre o grau de internacionalização, pode-se perceber que os estudos recentes exploram pouco a diversificação da medida de grau. A medida mais utilizada para grau de internacionalização foi baseada no valor das vendas das empresas (faturamento total *versus* faturamento de vendas externas), o que implica uma limitação. Além disso, mesmo que alguns dos artigos estudados tenham trazido propostas de variáveis de aspectos da empresa que influenciam o grau de internacionalização, essas medidas não podem ser tomadas como universais, uma vez que foram abordadas em um contexto de empresas e de mercados específicos.

4.2 A VELOCIDADE DE INTERNACIONALIZAÇÃO

Entre os artigos levantados sobre a velocidade de internacionalização, o mais relevante foi o escrito por Oviatt e McDougall³¹. Trata-se de um ensaio teórico que traz um modelo de forças que determinam a velocidade de internacionalização. Três aspectos são considerados para medir velocidade: o tempo entre o reconhecimento da oportunidade e a primeira entrada efetiva da firma no mercado estrangeiro; a velocidade de aumento de escopo geográfico, ou seja, o aumento do número de mercados atingidos; e a velocidade de comprometimento internacional de recursos.

O modelo proposto pelos autores apresenta quatro forças que são determinantes da velocidade do empreendedorismo internacional. São elas: *enabling* (facilitadora), que se refere aos recursos que permitem a internacionalização acelerada; *motivating* (motivadora), que trata sobre a pressão concorrencial como motivação para a internacionalização; *mediating* (mediadora), que seria o grupo ou pessoa responsável por perceber as oportunidades internacionais; e *moderating* (dividida entre força moderadora por *networks* e por conhecimento). Oviatt e McDougall³² ensinam ainda que o conhecimento tende a ser concentrado no empreendedor. Nesse caso, empresas em que o empreendedor apresenta experiências internacionais pessoais mostram uma internacionalização mais acelerada e com maior comprometimento de recursos.

31 OVIATT; MCDUGALL, op. cit.

32 Ibidem.



Depois do artigo de Oviatt e McDougall³³, um dos artigos sobre velocidade mais relevantes entre os selecionados foi o de Chetty, Johanson e Martín³⁴. Para a formação do conceito de velocidade, os autores consideraram a velocidade como sendo uma relação composta por dois fatores: distância e tempo. A distância seria a condição atual de internacionalização da firma, enquanto o tempo representa o tempo percorrido para alcançar essa distância.

Chetty, Johanson e Martín³⁵ também declararam que o conhecimento experimental e o comprometimento internacional (investimento de recursos) resultam na velocidade de internacionalização. Além disso, o aprendizado por diversidade permite que a empresa desenvolva a capacidade de assimilação de conhecimentos à medida que se internacionaliza, sendo mais relevante que o aprendizado por repetição. Assim, os resultados apresentados vão ao encontro do Modelo de *Uppsala* no que tange à importância do conhecimento para que a firma aumente o seu comprometimento em mercados estrangeiros. O artigo de Chetty, Johanson e Martín³⁶ é considerado de relevância para este estudo porque apresentou a distinção entre tempo de internacionalização (*time to internationalization*), que seria o tempo entre a criação da firma e a sua primeira atividade internacional, e a velocidade de internacionalização (*speed of internationalization*). Essa distinção é de extrema importância uma vez que clarifica o conceito de velocidade de internacionalização e considera a internacionalização como um processo contínuo. Enquanto em outros estudos nesta área, a velocidade de internacionalização foi medida como o tempo para a entrada, limitando a visão do processo. Com seu estudo, Chetty, Johanson e Martín³⁷ introduziram mais duas estratégias possíveis para a inserção internacional de empresas, além das apresentadas anteriormente por outros estudos. Uma delas seria ter o início da internacionalização logo após o surgimento da firma, mas manter uma velocidade baixa, e a outra seria uma velocidade de internacionalização rápida, porém já depois de um longo tempo de funcionamento da firma. Assim, os autores abrem a possibilidade de novos estudos, abordando novas temáticas

33 Ibidem.

34 CHETTY, S.; JOHANSON, M.; MARTÍN, O. M. Speed of internationalization: Conceptualization, measurement and validation. *Journal of world business*, v. 49, p. 633-650, out. 2014.

35 CHETTY; JOHANSON; MARTÍN, op. cit.

36 Ibidem.

37 Ibidem.



de velocidade de internacionalização, como o que ocorre no pós-entrada, que podem ser aplicadas a uma variedade maior de firmas.

Em razão de os artigos de Oviatt e McDougall³⁸ e de Chetty, Johanson e Martín³⁹ serem os mais relevantes, os demais artigos selecionados seguiram esses dois como base de análise. O estudo de Kiss e Danis⁴⁰ abordou a relação entre as forças de redes de relacionamento e a internacionalização de forma profunda. Os autores concluem com o estudo que o contexto institucional de um país pode moderar a relação entre as redes e a internacionalização e que quanto maior a instabilidade do ambiente, mais os gestores vão se apoiar em redes fortes de relacionamento, pois redes fracas representam mais riscos.

Referentemente aos artigos sobre velocidade, alguns estudos empíricos consideraram a velocidade como o tempo para o início das atividades internacionais da empresa. Entre esses, o artigo de Zucchella, Palamara e Denicolai⁴¹ traz uma divisão diferenciada de tempo, quando comparada ao artigo de Chetty, Johanson e Martín⁴². Os autores introduziram três dimensões de tempo na internacionalização: *precocity*, que se refere ao começo precoce de atividades internacionais (três primeiros anos); *rapidity*, que concerne à velocidade do crescimento internacional; e o termo que se refere ao ritmo de internacionalização, ou *pace*.

Zucchella, Palamara e Denicolai⁴³ optaram por realizar o seu estudo sobre a *precocity* levando em consideração apenas os seus impulsionadores. Os autores alegam que o processo precoce influencia no desenvolvimento do aprendizado experimental, estando assim conectado à performance da firma. Diante do estudo de 144 empresas italianas, concluíram que a experiência profissional internacional do gestor é a que mais influencia a rápida internacionalização, seguida pela experiência prévia do gestor em firmas de características familiares.

38 OVIATT; MCDUGALL, op. cit.

39 CHETTY; JOHANSON; MARTÍN, op. cit.

40 KISS, A. N.; DANIS, W. M. Country institutional context, social networks, and new venture internationalization speed. **European management journal**, v. 26, p. 388-399, 2008.

41 ZUCHELLA, A.; PALAMARA, G.; DENICOLAI, S. The drivers of the early internationalization of the firm. **Journal of world business**, v. 42, p. 268-280, 2007.

42 CHETTY; JOHANSON; MARTÍN, op. cit.

43 ZUCHELLA; PALAMARA; DENICOLAI, op. cit.



Relacionando-se com os estudos de Zucchella, Palamara e Denicolai⁴⁴, Acedo e Jones⁴⁵ realizaram um estudo sobre como a velocidade de internacionalização da empresa é influenciada pela mentalidade empreendedora de seus gestores. O estudo investigou 216 empresas espanholas no que tange à avaliação dos gestores em quatro aspectos: tolerância à indefinição (*tolerance for ambiguity*), ou a capacidade de tomar decisões em frente de situações adversas; orientação internacional (*international orientation*), considerado aqui nível de educação, idiomas e experiência no exterior; percepções de risco (*perceptions of risk*) e proatividade (*proactivity dispositions*).

Para a análise, os autores dividiram três grupos de empresas: empresas não exportadoras, empresas que levaram mais de cinco anos para se tornarem internacionais e empresas que levaram menos de cinco anos para se tornarem internacionais, denominadas empreendedores internacionais (INV). Através da análise geral das firmas, Acedo e Jones⁴⁶ consideraram que empreendedores que têm orientação internacional tendem a ter um comportamento mais proativo e menos preocupado com os riscos relacionados às oportunidades de internacionalização. Em adição, foi constatado que gestores com uma menor percepção de riscos tendem a adotar uma estratégia de internacionalização rápida em sua empresa.

Seguindo o que foi apresentado por Oviatt e McDougall⁴⁷ sobre a influência das *networks* na velocidade de internacionalização, o estudo empírico de Musteen, Francis e Datta⁴⁸ trata da influência das redes de relacionamento na velocidade de internacionalização e performance pós-entrada. O objetivo dos autores foi analisar as redes de relacionamento como capital social da empresa, que é formado pelos recursos integrados nas relações sociais, e é composto por três dimensões de integração social. A primeira dimensão apontada por Musteen, Francis e Datta⁴⁹ é a integração relacional, que está ligada ao estudo sobre a

44 Ibidem.

45 ACEDO, F. J.; JONES, M. V. Speed of internationalization and entrepreneurial cognition: insights and a comparison between international new ventures, exporters and domestic firms. *Journal of world business*, v. 42, p. 236-252, 2007.

46 ACEDO; JONES, op. cit.

47 OVIATT; MCDUGALL, op. cit.

48 MUSTEEN, M.; FRANCIS, J.; DATTA, D. K. The influence of international networks on internationalization speed and performance: a study of czech SMEs. *Journal of world business*, v. 45, p. 197-205, jul. 2010.

49 Ibidem.



força dos laços relacionais das *networks*, apresentado por Kiss e Danis⁵⁰. Porém, diferentemente de Kiss e Danis⁵¹, que se referiram a laços fortes, Musteen, Francis e Datta⁵² se referem a laços próximos. Os laços próximos podem diminuir a percepção de incerteza ao adentrar num novo mercado, influenciando positivamente a velocidade de internacionalização. Em contraponto, os autores também sugeriram que os laços próximos podem atrapalhar a performance, pois os objetivos da empresa podem entrar em conflito com a lealdade. Assim, ao analisarem 155 empresas da República Tcheca, Musteen, Francis e Datta⁵³ constataram que a proporção de laços próximos em relação aos laços fracos não influenciou na velocidade de internacionalização. Isso está de acordo com o exposto por Kiss e Danis⁵⁴, que defenderam que laços fracos de relacionamento podem ser mais vantajosos em certos momentos da internacionalização. Além disto, firmas com *networks* mais extensas não apresentaram melhores performances internacionais.

Por fim, o artigo de Morgan-Thomas e Jones⁵⁵ tratou sobre a velocidade de crescimento das vendas internacionais pós-entrada. Quanto aos lucros relacionados às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), os rápidos exportadores apresentam maior capacidade de utilizar as TIC para o desenvolvimento internacional. Já em relação à diversificação internacional, foi constatado que os rápidos exportadores utilizam a estratégia de diversificação, entrando em mais países que os demais. Além disso, o rápido desenvolvimento de firmas recém-internacionalizadas é realizado através da penetração em um mercado-chave. Na análise dos canais de distribuição, tanto os internacionalizadores rápidos quanto os regulares apresentaram não somente o uso de canais de distribuição próprios, mas também o de intermediários, comprovando a associação entre o uso de canais múltiplos e a velocidade de internacionalização. Portanto, a importância da relação entre as TIC e a velocidade de internacionalização é reforçada, bem como o desenvolvimento de novas tecnologias de informação e comunicação no que tange à inovação para o processo de internacionalização da firma.

50 KISS; DANIS, op. cit.

51 Ibidem.

52 MUSTEEN; FRANCIS; DATTA, op. cit.

53 Ibidem.

54 KISS; DANIS, op. cit.

55 MORGAN-THOMAS, A.; JONES, M. V. Post-entry Internationalization Dynamics: Differences between SMEs in the Development Speed of their International Sales. *International small business journal*, v. 27, n. 1, p. 71-97, fev. 2009.



Pode-se observar que estudos acerca da velocidade de internacionalização se relacionam aos temas de *network* (em que, embora não haja consenso, há um direcionamento da literatura), características e capacidades gerenciais e orientação empreendedora. Isso evidencia a relação com as teorias de *network*, empreendedorismo internacional e com o tema de conhecimento experimental, comprometimento e aprendizagem, englobados na teoria de *Uppsala*.

Além disso, é importante mencionar que nas teorias clássicas, abordagem econômica e abordagem comportamental, a velocidade não foi estudada como um fator da internacionalização e sim uma consequência desta. Em contraponto, a maior parte dos estudos analisados consideraram um conceito limitado de velocidade, ou seja, apenas a velocidade para a entrada da firma em mercados internacionais.

Isso chama a atenção para os avanços que compreendem a distinção entre as velocidades pré (velocidade de entrada) e pós-internacionalização, e a consideração de que o processo de internacionalização é contínuo. Assim, infere-se que há uma discussão em termos temporais para o estudo da velocidade, se esta deve ser analisada como um momento, ou de forma contínua, ou ainda, estudos que analisem as descontiduidades dess processo. Também no escopo da discussão está a relação da velocidade de internacionalização com o desempenho da firma, uma vez que velocidade não implica bons resultados.

4.3 A RELAÇÃO ENTRE O GRAU E A VELOCIDADE DE INTERNACIONALIZAÇÃO

Entre os artigos selecionados para este terceiro objetivo, cinco abordaram a relação entre o grau de internacionalização e sua velocidade. Desses, apenas um era um ensaio teórico, enquanto os outros foram estudos empíricos. Alguns dos artigos explorados neste tópico não trouxeram explicitamente nenhum termo referente ao grau de internacionalização. Porém, durante a análise dos artigos e das variáveis utilizadas para os estudos empíricos, pôde-se perceber a correspondência de algumas dessas variáveis com as apresentadas e utilizadas por estudos sobre o grau de internacionalização.

O único artigo classificado como ensaio teórico que trouxe análises tanto sobre grau como quanto sobre a velocidade de internacionalização foi o estudo



de Casillas e Acedo⁵⁶. Os autores defenderam que a internacionalização deve ser analisada de três aspectos, que refletem a multidimensionalidade do processo. O primeiro aspecto é a extensão de internacionalização, ou seja, o compromisso com as vendas internacionais (normalmente medido pelo volume de exportações) e o nível de disponibilidade de recursos alocados para a internacionalização. O segundo aspecto é a amplitude ou escopo, representada pela variedade de locais em que a firma desenvolve seus negócios, incluindo mercados e países em que vende e produz. O terceiro aspecto da internacionalização é a velocidade, dividida em velocidade de crescimento internacional, velocidade de aumento de disponibilidade de recursos e velocidade de dispersão em mercados internacionais.

Além disso, os autores expõem os quatro métodos de estudo de intervalos no tempo, que combinam diferentes perspectivas: o tempo entre duas mudanças específicas (descontínuas e de curto prazo); o tempo entre várias mudanças (descontínuas no longo prazo); o tempo entre duas mudanças específicas que aconteceram de maneira contínua (no curto prazo); e o tempo entre várias mudanças contínuas (longo prazo). O processo internacional descontínuo é resultado de contínuas mudanças internas na empresa. Assim, o processo de internacionalização se inicia com a mudança de percepções internas da firma, no chamado processo de pré-exportação, que resultarão na primeira participação internacional da firma. Em conclusão, a definição de velocidade de internacionalização apresentada é que essa é a relação entre o tempo e a estratégia internacional adotada pela empresa.

Os próximos artigos apresentados representaram estudos empíricos e estão expostos no Quadro 3.

⁵⁶ CASILLAS, J. C.; ACEDO, F. J. Speed in the internationalization process of the firm. *International journal of management reviews*, v. 15, p. 15-29, 2013.



Quadro 3 – Artigos que apresentaram estudos empíricos sobre a relação entre grau e velocidade de Internacionalização.

Autores	Temáticas abordadas no Estudo	Termos	Definições	Resultados
Ciravegna, Majano e Zhan (2014)	A influência da pró-atividade e das redes de relacionamento sobre a internacionalização.		A intensidade de exportações foi medida pela porcentagem de vendas exportadas entre as vendas totais, e a velocidade foi medida pelo tempo entre o surgimento da firma e o início de sua atividade internacional.	Foram estudadas 109 firmas chinesas. Foi constatado que firmas se internacionalizaram de forma mais rápida nos casos em que agiram de forma reativa sobre as oportunidades. Porém, as firmas que declararam possuir uma atitude proativa, mostraram ter melhor performance internacional.
Wagner (2004)	A relação entre a velocidade de internacionalização e a eficiência em custos.	<i>Speed of internationalization, degree of internationalization (DOI)</i> .	A velocidade de internacionalização foi medida através da mudança no grau de internacionalização num período de cinco anos, sendo o grau de internacionalização considerado como a parcela de vendas estrangeiras dentro das vendas totais.	Foram estudadas 83 firmas alemãs. Foi constatado que a relação entre a velocidade de internacionalização e o seu custo-benefício é representada por um formato de U invertido.
Kuivalainen, Sundqvist e Servais (2007)	A medida de grau para Born Globals (<i>degree of born globalness</i>), e a relação entre este grau e a performance da firma.	Foi feita uma diferenciação entre <i>born globals</i> e <i>born internationals</i> . Foi introduzido o conceito de <i>degree of born globalness</i> (DGB).	O DGB foi medido através da relação entre o DOI (volume e distância de vendas) e velocidade.	Foram estudadas 185 firmas finlandesas. Foi constatado que as <i>born internationals</i> assumiram mais riscos, porém as <i>born globals</i> foram as que apresentaram melhores performances nos três aspectos estudados.
Kuivalainen, Saarenketo e Puumalainen (2012)	A performance pós-internacionalização. Identificar se as firmas que escolheram uma internacionalização rápida mantiveram suas atividades internacionais ou se retiraram do mercado.	Fez a diferenciação do tempo entre <i>rapidity</i> e <i>pace</i> . Utilizou o conceito <i>de-internationalized</i> para se referir a firmas que se retiraram de suas atividades internacionais.	A velocidade foi dividida entre <i>rapidity</i> , que representa o intervalo de tempo entre a criação da firma e o início da sua atividade internacional, e <i>pace</i> , que representa a velocidade do crescimento e desenvolvimento internacional.	Foram estudadas 78 empresas finlandesas. Foram apresentados quatro possíveis modelos para a internacionalização das <i>born globals</i> e modelos de continuação de suas atividades internacionais.

Fonte: Elaboração dos autores, 2017.

Portanto, nota-se que os estudos apresentaram uma visão mais multidimensional do processo de internacionalização. Mesmo que em alguns dos artigos o grau de internacionalização não tenha sido explicitado em seus termos, a relação entre a velocidade e o grau de internacionalização foi evidenciada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo propôs a revisão integrativa da literatura acerca das relações entre grau e velocidade de internacionalização. O que se constatou é que a relação entre o grau e velocidade de internacionalização é ainda pouco estudada, e que uma falta de coesão existe entre os termos e variáveis utilizados para tratar tanto do grau e velocidade como da sua relação. Além disso, é preciso considerar a limitação de artigos que com relação ao grau consideraram uma medida baseada apenas nas vendas internacionais da firma, e com relação à velocidade consideraram apenas o tempo até o início de atividades internacionais da empresa. Assim, a revisão integrativa evidencia que o tema está ainda em evolução nas discussões acadêmicas internacionais na área de Negócios Internacionais, e estudos ainda precisam ser desenvolvidos. Como limitações de estudo apresenta-se primeiramente a limitação dos termos utilizados, uma vez que a pesquisa partiu apenas de três termos: *internationalization*, *speed* e *degree*. Sugere-se assim que futuras pesquisas incluam termos de busca como: *rapidly*, *accelerate*, *early*, *precoce* e *velocity*, como termos correlatos utilizados na menção à velocidade de internacionalização. Assim como incluir o termo *internationalisation* (com s, pois há distinção dessa palavra no uso da língua inglesa).

Por se tratar de um estudo que realizou uma coleta de dados através de um bibliométrico e análise de dados através de uma revisão integrativa, a exclusão pode menosprezar artigos que poderiam trazer análises complementares sobre o tema, sendo assim uma limitação do estudo.

Outra limitação que deve ser mencionada é que muito embora a pesquisa tenha utilizado os três termos, muitos dos artigos encontrados abordaram apenas o grau ou apenas a velocidade, e não a sua relação dentro do processo de internacionalização. Além disso, alguns artigos trouxeram a associação dos termos dentro de uma análise de *born globals*, e não os estudaram explicitamente. Portanto, futuros estudos devem considerar a utilização de uma gama

maior de termos de pesquisa, para que se alcance uma análise mais completa sobre os temas estudados.

Entre os estudos futuros, constataram-se algumas linhas de pesquisa que ainda estão em fase exploratória, sendo elas: primeiro, a definição conceitual e a mensuração da velocidade de internacionalização compreendida de forma multidimensional, indo além do tempo, incluindo outras dimensões, de escopo e de distância; segundo, a compreensão das consequências da velocidade de internacionalização de entrada ao longo do tempo e/ou no longo prazo; ainda sobre as consequências da velocidade, compreendê-la além do desempenho da firma, que acarreta em uma visão limitada de seus resultados e impactos; e, por último, tratar de modo distinto, mas interdependente, as fases de pré e de pós-entrada na internacionalização, pois como sugerem e evidenciam estudos supracitados, tem distintos propulsores e distantes consequências, demandando-se estudos com um recorte temporal mais amplo que vá além do período de entrada.

REFERÊNCIAS

- ACEDO, F. J.; JONES, M. V. Speed of internationalization and entrepreneurial cognition: insights and a comparison between international new ventures, exporters and domestic firms. **Journal of world business**, v. 42, p. 236-252, 2007.
- BARRETTO, A. A internacionalização da firma sob o enfoque dos custos de transação. In: ROCHA, Angela da. **A internacionalização de empresas: estudos de gestão internacional**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p. 41-59.
- BASTOS, V. C. (Org.). **Classificação de periódicos no Qualis/CAPES**. [201-?]. Disponível em: <http://www.biblioteca.ics.ufpa.br/arquivos/QUALIS-rev_26_11.pdf>. Acesso em: 13 maio 2017.
- CARPENTER, M. A.; SANDERS, W. G. The effects of top management team pay and firm internationalization on mnc performance. **Journal of management**, v. 30, n. 4, p. 509-528, 2004.
- CASILLAS, J. C.; ACEDO, F. J. Speed in the internationalization process of the firm. **International journal of management reviews**, v. 15, p. 15-29, 2013.
- CAVUSGIL, S. T.; KNIGHT, G.; RIESENBERGER, J. R. **Negócios internacionais: estratégia, gestão e novas realidades**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.
- CERRATO, D.; PIVA, M. The internationalization of small and medium-sized enterprises: the effect of family management, human capital and foreign ownership. **Journal of management and governance**, v. 16, n. 4, p. 617-644, nov. 2012.
- CHETTY, S.; JOHANSON, M.; MARTÍN, O. M. Speed of internationalization: Conceptualization, measurement and validation. **Journal of world business**, v. 49, p. 633-650, out. 2014.
- CHUEKE, G. V.; AMATUCCI, M. O que é bibliometria? Uma introdução ao fórum. **Revista Eletrônica de Negócios Internacionais**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 1-5, maio/ago. 2015.

- CIRAVEGNA, L.; MAJANO, S. B.; ZHAN, G. The inception of internationalization of small and medium enterprises: The role of activeness and networks. **Journal of business research**, v. 67, p. 1081-1089, 2014.
- DUNNING, J. H. The eclectic paradigm of international production: a restatement and some possible extensions. In: **THE ECLECTIC Paradigm**. London: Palgrave Macmillan, 2015. p. 50-84.
- GRAVES, C.; THOMAS, J. Internationalization of Australian Family Businesses: a managerial capabilities perspective. **Family business review**, v. 19, n. 3, p. 207-224, set. 2006.
- HEMAIS, C. A.; HILAL, A. Teorias, paradigma e tendências em negócios internacionais: de Hymer ao empreendedorismo. In: **O DESAFIO dos mercados externos: teoria e prática na internacionalização da firma**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2004. p. 17-39.
- HYMER, S. H. **The international operations of national firms**. A study of direct foreign investment. Cambridge: MIT University Press, 1976.
- JOHANSON, J.; VAHLNE, J. The internationalization process of the firm: a model of knowledge development and increasing foreign market commitments. **Journal of international business studies**, v. 8, n. 1, p. 23-32, 1977.
- KAFOUROS, M. I. et al. The role of internationalization in explaining innovation performance. **Technovation**, v. 28, p. 63-74, 2008.
- KNIGHT, G.; CAVUSGIL, S. T. Innovation, organizational capabilities, and the born-global firm. **Journal of International Business Studies**, v. 35, n. 2, p. 124-141, 2004.
- KISS, A. N.; DANIS, W. M. Country institutional context, social networks, and new venture internationalization speed. **European management journal**, v. 26, p. 388-399, 2008.
- KUIVALAINEN, O. et al. Organisational capabilities and internationalisation of the small and medium-sized information and communications technology firms. **Journal of international entrepreneurship**, v. 8, n. 2, p. 135-155, jun. 2010.
- KUIVALAINEN, O.; SAARENKETO, S.; PUUMALAINEN, K. Start-up patterns of internationalization: A framework and its application in the context of knowledge-intensive SMEs. **European management journal**, v. 30, p. 372-385, 2012.
- KUIVALAINEN, O.; SUNDQVIST, S.; SERVAIS, P. Firms' degree of born-globalness, international entrepreneurial orientation and export performance. **Journal of world business**, v. 42, p. 253-267, 2007.
- LIN, W. T.; CHENG, K. Y.; LIU, Y. Organizational slack and firm's internationalization: A longitudinal study of high-technology firms. **Journal of world business**, v. 44, n. 4, out. 2009.
- MANOLOVA, T. S.; MANEV, I. M.; GYOSHEV, B. S. In good company: the role of personal and inter-firm networks for new-venture internationalization in a transition economy. **Journal of world business**, v. 45, p. 257-265, 2010.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.
- MARIOTTO, F. L. **Estratégia internacional da empresa**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.
- MEZZAROBA, O.; MONTEIRO, C. S. **Manual de metodologia da pesquisa no direito**. São Paulo: Saraiva, 2008.

- MORGAN-THOMAS, A.; JONES, M. V. Post-entry Internationalization Dynamics: Differences between SME's in the Development Speed of their International Sales. **International small business journal**, v. 27, n. 1, p. 71-97, fev. 2009.
- MUSTEEN, M.; FRANCIS, J.; DATTA, D. K. The influence of international networks on internationalization speed and performance: a study of czech SMEs. **Journal of world business**, v. 45, p. 197-205, jul. 2010.
- OVIATT, B. M.; MCDOUGALL, P. P. Defining International entrepreneurship and modeling the speed of internationalization. **Entrepreneurship: theory & practice**, v. 29, n. 5, p. 537-553, set. 2005.
- PANGARKAR, N. Internationalization and performance of small- and medium-sized enterprises. **Journal of world business**, v. 43, n. 4, p. 475-485, 2008.
- PENG, M. W.; SHIN, H. How do future business leaders view globalization? **Thunderbird International Business Review**, v. 50, n. 3, p. 175-182, 2008.
- PRASHANTHAM, S.; YOUNG, S. Post-entry speed of international new ventures. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 35, n. 2, p. 275-292, 2011.
- RUIGROK, W.; AMANN, W.; WAGNER, H. The Internationalization-Performance Relationship at Swiss Firms: a test of the s-shape and extreme degrees of internationalization. **Management international review**, v. 47, n. 3, p. 349-368, 2007.
- SULLIVAN, D. Measuring the degree of internationalization of a firm. **Journal of international business studies**, v. 25, n. 2, p. 325-342, 1994.
- VERGARA, Sylvia Constant; PECCI, Alketa. Escolhas metodológicas em estudos organizacionais. **Organizações & Sociedade**, v. 10, n. 27, p. 13-26, 2003.
- VERNON, R. International investment and international trade in the product cycle. **Quarterly Journal of Economics**, [S. l.] mayo, 1966.
- WAGNER, H. Internationalization speed and cost efficiency: evidence from germany. **International business review**, v. 13, p. 447-463, 2004.
- ZUCHELLA, A.; PALAMARA, G.; DENICOLAI, S. The drivers of the early internationalization of the firm. **Journal of world business**, v. 42, p. 268-280, 2007.

